



Mulheres na Computação no Brasil: histórias e memórias



Alice Fonseca Finger
Aline Vieira de Mello
Amanda Meincke Melo
Clevi Elena Rapkiewicz



Mulheres na Computação no Brasil:

histórias e memórias



Mulheres na Computação no Brasil: **histórias e memórias**

Alice Fonseca Finger
Aline Vieira de Mello
Amanda Meincke Melo
Clevi Elena Rapkiewicz

Porto Alegre

2023



Esta obra está licenciada com uma Licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional.

CIP- CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M956

Mulheres na computação no Brasil: histórias e memórias. [livro eletrônico] / Alice Fonseca Finger...[et al.]. - 1. ed. – Porto Alegre : Colégio de Aplicação UFRGS, 2023.

recurso digital

Formato: pdf

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-65-00-70594-2 (recurso eletrônico)

1. Mulheres na ciência- Biografia. 2. Ciência da computação. 3. Livro eletrônico. I. Finger, Alice Fonseca.

CDD: 920

CDU: 929

Amanda Barbosa Vilela – Bibliotecária – CRB-7/6254 17/05/2023

Capa: Aline Vieira de Mello

Diagramação: Amanda Meincke Melo

Revisão: Juçara Benvenuti

Esta é uma obra de autoria colaborativa, envolvendo esforço equivalente em sua produção. Desse modo, as autoras optaram por apresentarem seus nomes em ordem alfabética. As biografias apresentadas foram revisadas pelas homenageadas. A reprodução de trechos desta obra está autorizada, desde que citada a fonte.

Apresentação

Este *e-book* é resultado da parceria entre as ações de extensão **ENIGMA – Mulheres na Computação** e **Gurias na Computação**. O projeto ENIGMA é vinculado ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP-UFRGS) e existe desde 2014. Desenvolve ações integrando Arte à Computação, usando intensamente lixo eletrônico como material em parte dessas ações. Já o Gurias na Computação, projeto parceiro do Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), é vinculado à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), *Campus Alegrete*. Começou em 2016 como uma ação do programa de extensão Programa C, promovendo a participação feminina na área da Computação.

Organizamos este *e-book* para tornar acessíveis as histórias de vida de mulheres que se destacam nas diversas áreas da Computação, homenageadas pelo projeto ENIGMA no **Calendário Mulheres na Computação no Brasil de 2021** (<https://www.ufrgs.br/enigma/calendario/>). Para tanto, elaboramos narrativas, a partir das entrevistas veiculadas em 8 *lives*, transmitidas de março a outubro de 2021, no canal YouTube do programa de extensão Programa C, organizadas em uma *playlist* denominada **Mulheres na Computação no Brasil** (<https://bit.ly/mulheresComp>). O processo descrevendo esse ciclo de *lives* foi publicado no XVI *Women in Information Technology* (WIT 2022) (<https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/20862>).

Ao ler este *e-book*, de autoria colaborativa, você terá a oportunidade de conhecer, em cada um de seus capítulos, mais sobre a vida de Camila Achutti, Claudia Bauzer Medeiros, Cláudia Werner, Liane Tarouco, M. Cecília C. Baranauskas, Maria da Glória Guimarães, Silvana Bahia e Valeria Menezes Bastos. Esses capítulos trazem informações sobre sua família de origem, família constituída, formação escolar (desde a educação básica até a pós-graduação) e mercado de trabalho. Adicionalmente, apresentam sua biografia técnica, o *link* para *live* no canal do Programa C e o *link* para uma página do projeto ENIGMA com informações sobre a entrevistada e uma arte em sua homenagem.

Esperamos que as histórias dessas mulheres, de persistência e de contribuições significativas na área da Computação, sirvam de inspiração para as atuais e futuras gerações.

As autoras.

Sumário

Camila Achutti.....	7
Claudia Bauzer Medeiros.....	11
Cláudia Werner.....	17
Glória Guimarães.....	23
Liane Tarouco.....	29
M. Cecília C. Baranauskas.....	35
Silvana Bahia.....	39
Valéria Menezes Bastos.....	45
Posfácio.....	51
As Autoras.....	53



Camila Achutti



Camila Achutti nasceu em São Paulo (SP) e cresceu em Guarulhos (SP), cidade da grande São Paulo. Foi para lá muito cedo, com os pais e sua irmã gêmea. Seu pai descobriu a Informática na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ainda na década de 80, e sua mãe possui formação em Letras Português/Inglês. Enquanto o pai de Camila desenvolveu sua carreira na área da Tecnologia, a mãe, que inicialmente trabalhava como secretária no mundo corporativo, a interrompeu durante a gestação, retornando às atividades laborais como corretora de imóveis após os 50 anos, quando suas filhas já estavam na faculdade.

Desde bem pequena, ela e sua irmã, juntas, participaram de uma variedade de atividades, como a Olimpíada de Matemática e Teatro, que, segundo Camila, contribuíram para a formação de seu caráter. Na infância e enquanto crescia, além de acesso a uma diversidade de brinquedos, Camila sempre teve acesso ao computador – instrumento de trabalho de seu pai.

Quando a avó, com quem moravam e conviveram até os 10 anos de idade, faleceu, ela e sua irmã passaram a ter maior contato com os primos. Nessa época, ao mesmo tempo em que brincavam com eles, sendo as únicas meninas da família, Camila começou a perceber as primeiras distinções de gênero na divisão de tarefas e nos presentes que recebiam, o que não percebia apenas na convivência com seus pais. Os meninos eram convidados a limpar o carro e a arrumar a chácara, enquanto as meninas iam para a cozinha ajudar a tia. Os meninos ganhavam videogame e carrinho, mas ela e a irmã ganhavam roupas. Isso, segundo ela, não é exclusividade da sua vivência e sim de todas as meninas brasileiras.

Em casa, nas tarefas domésticas, além de terem uma ajudante, seus pais as dividiam bem. Assim, ela e a irmã não se preocupavam em realizá-las. Deveriam, portanto, dedicar-se aos estudos e, mais tarde, ao trabalho, assim como seus pais faziam para oferecer oportunidades às filhas. Tanto para seu pai quanto para sua mãe, ambas deveriam fazer faculdade.

Camila sempre gostou muito de estudar e de se destacar entre os colegas de escola. Durante o ensino médio, fez várias aulas eletivas, como Matemática Avançada, Mecatrônica, entre outras na área de Exatas. Participou de Olimpíadas de Matemática e Física, sendo classificada em uma ocasião para realizar uma etapa no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Nessa época, mais uma vez, percebeu a distinção entre gêneros, pois aos seus pais foi recomendado que a levassem ao instituto ao invés de ela participar da excursão com os colegas e professores.

Para ingressar no ensino superior, Camila fez vestibular em diferentes instituições na área da Computação. Decidiu, então, estudar sua graduação na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli/USP). Nesse período, nutriu o sonho de trabalhar na NASA – *National Aeronautics and Space Administration*, nos Estados Unidos. Envolveu-se, assim, com Iniciação Científica, orientada pela professora Ana Cristina, na área de Verificação e Validação de *software* de missão crítica em projeto vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). A essa área, inclusive, pretendia se dedicar no mestrado.

Ao final da graduação, já envolvida em atividades relacionadas à Educação e Tecnologia, Camila teve a oportunidade de realizar um estágio na Google, no Vale do Silício – estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Durante esse período, conheceu alternativas à vida acadêmica, visitou a NASA, vizinha do escritório onde trabalhava, e essa experiência a fez repensar sua trajetória: poderia trabalhar, ganhar dinheiro e, ao mesmo tempo, causar impacto na vida das pessoas.

Ao retornar dos Estados Unidos, Camila alinhou um novo tema de pesquisa para o seu mestrado: Educação e Tecnologia. Desde então, tem trabalhado com Computação e Educação no meio corporativo, no Ensino Superior e na Educação Básica. No meio corporativo, preocupa-se em atualizar as pessoas para que não fiquem obsoletas no mercado de trabalho. No Ensino Superior, deixa em evidência a Computação como um meio, não um fim em si mesma, de modo que os novos programadores sejam conscientes de sua responsabilidade social. Já na Educação Básica, procura apresentar alternativas, desenvolver o pensamento crítico e a cidadania, de modo que as crianças reconheçam o impacto da tecnologia.

Camila é sócio-fundadora da Mastertech, onde atua desde 2015, com projetos de educação corporativa. Em 2019, estruturou a Organização Não Governamental (ONG) SOMA, que se dedica a realizar intervenções com educação de tecnologia para diferentes públicos, incluindo pessoas com deficiência e jovens em medida socioeducativa. Nessa experiência corporativa, observa que também enfrentou algumas situações em que sua capacidade técnica foi questionada. Contudo, atualmente seu trabalho está bem estabelecido.

Há sete anos, mora com Marcos, seu marido. Ser mãe está em perspectiva. Ambos, contudo, trabalham muito. Na rotina que compartilham, cuidam um do outro. Nessa caminhada conjunta na família constituída deixa clara a parceria sem que um dos membros seja sobrecarregado devido ao seu gênero.

Inspirada na frase de Grace Hopper: *“Navios são seguros no porto, mas não foi para isso que eles foram feitos.”*, ela deixa sua mensagem para as mulheres. Embora a sociedade nos coloque em determinados lugares, cada uma sabe o que pode fazer, ou seja, pode ocupar o espaço que quiser. Portanto, recomenda que as mulheres se questionem: *“O que eu quero?”*, de modo que possam tomar decisões mais genuínas.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Mulheres Inovadoras, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em <https://www.youtube.com/live/W10CFDALM3Q>

Biografia Técnica

Camila Fernandez Achutti é graduada (2013) e mestre (2017) em Computação pela Universidade de São Paulo (USP), onde é doutoranda em Engenharia Elétrica. Atuou em diferentes empresas, inclusive nos Estados Unidos, mas optou por voltar ao Brasil, tendo viajado da Amazônia ao Rio de Janeiro capacitando meninas e mulheres em comunidades a desenvolver habilidades na área de Tecnologia de Informação (TI). É forte defensora do letramento digital, sobretudo feminino, está à frente da ONG SOMA com esta finalidade e é sócia-fundadora da MasterTech, uma escola de habilidades digitais que já capacitou centenas de empresas e milhares de pessoas em inovação, tecnologia e agilidade. Atuou também como professora do INSPER (Instituto de Ensino e Pesquisa), em São Paulo, onde hoje é Conselheira do curso de Engenharia da Computação. Na sua trajetória de luta por mais mulheres na Tecnologia, recebeu em 2015 o prêmio *Student of Vision ABIE* e, em 2017, foi indicada pela FORBES na categoria Tecnologia e Educação na lista *30Under30*. Já em 2021, foi a Executiva Revelação pela ANEFAC. Entre suas inúmeras contribuições na área de Computação, destacam-se as ações para influenciar meninas e mulheres a seguir carreira nessa área.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “Camila Achutti”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/camila-achutti/>

Claudia Bauzer Medeiros



Claudia Bauzer Medeiros nasceu em 1954, no Rio de Janeiro (RJ), quando a cidade era capital do Brasil. É a filha mais velha de pai médico e mãe professora. Possui um irmão e uma irmã – todos criados de igual maneira. Tanto o pai quanto a mãe eram responsáveis pela criação e educação dos filhos. O pai sempre apoiou a profissão de sua mãe, que muitas vezes precisava viajar a trabalho. Destacou durante a *live*, várias vezes, como os pais tiveram um casamento “igualitário”, coisa rara na época.

Sua infância foi dividida entre brincadeiras e estudos. Muitas brincadeiras envolviam a imaginação e estímulo à curiosidade. Ela e os irmãos costumavam pintar as paredes com água, assim toda a bagunça terminava quando a água evaporava. Sua mãe contava histórias durante o almoço e ela e os irmãos precisavam comer para saber o final.

Quando tinha 5 anos, adorava ir ao jardim de infância, porém, quando a professora foi trocada, Claudia não quis mais ir. Nos três anos seguintes, chorou

para ir à escola. Apesar disso, ela gostava de estudar em casa e sempre tirava notas boas. Adorava Matemática, tanto que elaborava questões matemáticas para que ela mesma resolvesse. Cresceu ouvindo que o estudo era uma alegria e uma obrigação. Até os quinze anos, seus pais tomaram suas lições em várias matérias, ressaltando-se o fato que reconheceram, desde cedo, a importância de aprender a falar inglês, que passou a ler fluentemente desde os 12 anos e a falar fluentemente a partir dos 14 anos.

Como era tímida e passava o tempo em casa sem interagir com pessoas, sua mãe a matriculou, aos 14 anos, em um curso de guia de turismo. Após um ano de curso, foi contratada pelo desembarço e porque conseguia resolver problemas e responder perguntas. Dos 16 aos 22 anos, foi guia aos finais de semana e em tempo integral nas férias. O trabalho desde cedo foi estimulado como parte da educação em sua casa e, assim, seus irmãos começaram a trabalhar aos 16 anos em carreiras profissionalizantes.

Os pais lhe diziam que podia fazer o que quisesse, desde que estudasse e fosse uma pessoa decente. Ela queria fazer Matemática. Porém, durante o ciclo básico para Exatas e Engenharias da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), optou por fazer Engenharia Elétrica porque acreditava que teria mais oportunidades. Durante a graduação, fez matérias de Computação e foi monitora de Computação Básica. Nessa monitoria, uma das atividades era ler manualmente cartões perfurados – quando o que era impresso no cartão ficava apagado.

Gostava de Computação e passou na prova para analista de sistemas para realizar estágio na empresa Furnas Centrais Elétricas. Depois do estágio de um ano, foi contratada, trabalhando na programação de sistemas operacionais IBM básicos. Um fato curioso foi que precisou trabalhar com um computador que lia fita de papel e, às vezes, a fita arrebitava. Portanto, aprendeu a ler manualmente as fitas (como Braille) para que pudesse emendá-las e permitir que os códigos continuassem funcionando corretamente. Enquanto trabalhava em Furnas, fez mestrado em Ciência da Computação na PUC-Rio.

Depois de concluir o mestrado, ficou um ano sem fazer algum curso, por opção própria, para decidir se queria seguir carreira acadêmica ou manter atividades profissionais. Nesse período, continuou trabalhando em Furnas e era professora horista da PUC-Rio. Ao final de 1980, pediu demissão e foi para o Canadá fazer o doutorado. Foi reprovada na primeira vez que tentou fazer o exame de qualificação e declarou que chorou muito. Porém, também ressaltou que tudo exige esforço e que frustrações acontecem. Segundo Cláudia, se você consegue superar as frustrações, você vai chegar em um lugar melhor – pode até não ser aquele desejado, mas será melhor do que o atual.

Ao concluir o doutorado, foi convidada para trabalhar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), assumindo o cargo em 4 de novembro de 1985. Considera que ser professora é uma consequência de ter realizado o doutorado, mas cada vez mais consequência de constatar o valor na formação de profissionais e pesquisadores.

Em sala de aula, são vários exercícios “diferentes”. Um deles é fazer a dinâmica de passar o jornal do dia e pedir aos estudantes que proponham um projeto de pesquisa baseado na manchete, ou seja, estimula a reflexão de como resolver problemas da sociedade usando a Computação. Outro hábito é ter o desenho de todos os orientandos em um quadro, representados em forcas (“forcômetro”), para que eles percam uma parte quando cometem um erro, ou juntem pedaços quando fazem algo bom. Quando a orientação é concluída, existe a cerimônia em que o desenho é apagado. Em algum momento, chegou a pagar aulas de dança de salão para que seus orientandos perdessem a timidez.

Quando foi presidente da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), entre 2003 e 2007, nomeou intencionalmente diretores de todas as regiões do Brasil e distribuiu os cargos entre homens e mulheres. Ressalta que anteriormente a maioria dos diretores eram homens que residiam em São Paulo, Rio de Janeiro ou Porto Alegre. Em congressos, faz perguntas, também intencionalmente, para que as pessoas a conheçam e para estimular discussão. Só salienta que as perguntas devem ser boas para que o destaque seja positivo.

Em sua família, não havia diferença entre homens e mulheres. Por exemplo: a mãe dizia que todos deviam saber cozinhar e lhe deu uma aula memorável de quebrar ovos para separar a clara da gema e seu irmão também aprendeu a cozinhar. Assim que obteve a carteira de motorista seu pai lhe ensinou a trocar pneu.

Lembra-se de ter sido discriminada apenas duas vezes por ser mulher: uma vez, em trabalho de campo, um agricultor não respondia suas perguntas, que precisavam ser repetidas por um colega professor da Engenharia Agrícola, quando, então, o agricultor respondia. A outra situação aconteceu quando, ao chegar a Campinas (SP), em 1985, já contratada como docente da Unicamp, tentou alugar apartamento, dificultado por ser mulher solteira. Mulheres solteiras, na época, eram consideradas baderneiras na cidade. Por outro lado, observa que foi discriminada várias vezes por ser idosa.

Ressalta que teve excelentes professores que gostavam de ler e estudar, começando pelos pais. Recomenda que as pessoas façam coisas diferentes para aumentar seus horizontes, conheçam pessoas e aprendam coisas novas. Além disso, que não tenham vergonha de dizer que não sabem e perguntem. Destaca, ainda, que é muito importante estudar, ler, sair da zona de conforto e fazer

networking. Por fim, diz que a Computação é a melhor coisa do mundo porque permite você trabalhar com o que você quiser.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Banco de Dados, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em <https://www.youtube.com/live/byhAW21d3qI>

Biografia Técnica

Cláudia Bauzer Medeiros é graduada em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1976, e mestre em Informática na mesma Universidade, em 1979. Doutora em Computação pela Universidade de Waterloo no Canadá, em 1985, realizou pós-doutoramento na França (INRIA), em 1990, e livre docência em Banco de Dados na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1992. Iniciou carreira na área de Computação nos anos 1970 na empresa Centrais Elétricas do Brasil (FURNAS), como analista de sistemas, até ir para o Canadá fazer doutorado. Assim, logo optou pela vida acadêmica, iniciando como professora na PUC-Rio (enquanto analista de FURNAS) e, ao voltar do doutorado, indo para a Unicamp, onde atua desde 1985. Contribuiu como professora visitante na França e na Alemanha. É bolsista de produtividade pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Ocupou vários cargos, com destaque por ter sido a única mulher na presidência da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), tendo contribuído em muitos projetos e ações para fomentar a maior participação de mulheres na área da Computação. Durante as mais de três décadas como docente e pesquisadora, recebeu prêmios nacionais como o Reconhecimento Acadêmico pela Unicamp (1997, 2001, 2009 e 2021), prêmio Unicamp de excelência em docência (dado pelo conjunto da obra), prêmio Newton Faller da SBC (2000), *Google Women in Information Technology* (2008) pela Google Brasil. Foi agraciada com a Ordem Nacional do Mérito Científico pela Presidência da República (2008) e Dr. Honoris Causa pela *Université Paris Dauphine* em 2015. Tornou-se membro titular da Academia Brasileira de Ciências em 2019. Reconhecida fora do Brasil, recebeu destaque de mérito em Informática pelo Centro Latinoamericano de Estudos em Informática em 2018, *Change Agent Award* pela ACM e *Anita Borg Institute* em 2006 nos EUA. Mais recentemente, em 2021, tornou-se *Fellow* pelo *Word*

Academy of Sciences (TWAS). Em sua carreira, destacam-se dois tipos de contribuição em pesquisa: na coordenação de grandes projetos multidisciplinares e no desenvolvimento de modelos e algoritmos para abordar questões de heterogeneidade na integração de dados para aplicações em agricultura, saúde, biodiversidade, dentre outros. Vale a pena também mencionar seu papel na disseminação e na criação de iniciativas em Ciência Aberta, principalmente visando dados abertos. Em particular, liderou o estabelecimento da rede de repositórios de dados abertos de pesquisa em São Paulo, sob a égide da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), onde participa da coordenação do programa de *eScience* e *data science*.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “Claudia Bauzer Medeiros”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/claudia-bauzer-medeiros/>



Cláudia Werner



Cláudia Werner, caçula com mais dois irmãos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Filha de pai militar, oficial da Marinha do Brasil, morou em vários lugares, tanto no Brasil como no exterior, acompanhou as transferências profissionais do pai. A mãe era professora, inicialmente normalista e, depois pedagoga. Cláudia relata que a influência da mãe em sua escolha profissional se deu ao contrário, pois ver a mãe não a motivava a ser professora. Assim, jurava que nunca seguiria nessa área. Porém, acabou se tornando professora e pesquisadora na área da Computação.

Conta também que passou sua infância no estado do Rio de Janeiro, tanto na capital quanto em Angra dos Reis, cidade litorânea no sul do estado. Lembra de uma infância muito animada e envolvida nas brincadeiras dos meninos, como soltar pipa, jogar bola de gude e futebol. Menciona que, no que tange às tarefas domésticas, nem ela nem os irmãos colaboravam, pois havia pessoas na casa responsáveis por essas atividades, o que Cláudia reconhece ser um privilégio. Embora percebesse uma certa tendência dos pais de lhe

“paparicar” por ela ser menina e a caçula, ela preferia ser tratada da mesma forma que os irmãos.

Sobre seu tempo na educação básica, destaca que, como se mudava muito em função da profissão do pai, estudou pouco tempo nos lugares e não chegou a observar diferenciações de gênero. Desse período na educação básica, lembra-se de ser muito estudiosa, mas não considera que tenha havido alguma matéria que tenha tido algum tipo de destaque ou importância maior. Ela sonhava em ser veterinária, porque adorava bichos e queria cuidar deles. Porém desistiu da ideia quando, na escola, durante uma aula de ciências, a turma abriu um camundongo e ela passou mal. Também chegou a se imaginar trabalhando na NASA, a partir da influência da televisão, quando mostrou a chegada do homem na lua.

Em seu curso equivalente ao ensino médio, que fez na Inglaterra, realizou muitas atividades em laboratórios de Física e Química, que influenciaram a sua trajetória e a dos irmãos, pois um fez Economia e outro Engenharia. Lamenta que nos anos em que estudou no Brasil nunca tenha entrado nos laboratórios de Ciências, ainda que eles fossem previstos no currículo. Essas vivências, mais o auxílio do pai em Matemática e da mãe em Língua Portuguesa, ajudaram-na a obter boa pontuação no vestibular, garantindo a entrada no curso de Informática. Essa escolha foi motivada por primas que já faziam cursos dessa área e apoiada pelo pai que almejava que a filha fosse engenheira. Embora Cláudia não soubesse muito bem o que era abordado no curso, ela decidiu cursá-lo porque tinha relação com a Matemática, o que lhe interessava.

Menciona que a transição de uma escola de educação básica para uma graduação é sempre complicada, e que, em uma universidade grande como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os alunos precisavam e precisam ser bastante autônomos em suas aprendizagens. Em sua turma de ingresso, a quantidade de mulheres no curso era paritária à quantidade de homens. Durante a graduação, com interesse em terminar o curso o quanto antes, Cláudia começou a antecipar disciplinas, o que a levou a se distanciar um pouco de sua turma de ingresso no ensino superior. Em termos pessoais, ela destaca que não percebeu discriminação de gênero na educação básica ou na graduação, mas cogita que talvez tenha tido certa cegueira para esses episódios ou, outra hipótese, possa ter tido sorte de estudar em ambientes não tão discriminatórios em questões de gênero.

A opção pelo mestrado surgiu novamente através das primas, mas também por frequentar a Ilha do Fundão¹, em um centro de pesquisas da

¹ Ilha na qual se localiza um dos *campi* da UFRJ, mais especificamente onde ficam as graduações da área de Ciências Exatas.

Petrobrás que fica dentro do *Campus* da UFRJ. Logo teve oportunidade de ir para o exterior, em um doutorado direto, no CERN², na Suíça, o que considera próximo da NASA, lembrando seus anseios quando criança. A conclusão do doutorado não foi exatamente um plano pré-definido de ser professora ou cientista, mas acabou acontecendo, pois ao tentar inserção no mercado de empresas percebeu que ficaria muito tempo com as mesmas tecnologias e tipos de atividades, e que a vida acadêmica era mais ampla.

Durante o doutorado, como entrou na área de Banco de Dados, havia somente professores homens. Contudo, como pesquisava reutilização de *software*, tinha interface com uma professora de Engenharia de Software, área para a qual fez concurso e atua até hoje. Salienta que, entre os vários programas de pós-graduação na área de Exatas da UFRJ, aquele onde atua é um dos que possui mais mulheres, e muitas pioneiras como Sueli Mendes, Celina Miraglia Figueiredo e Scheila Veloso. Levanta a hipótese de que essa maior presença de mulheres era por sua origem na Matemática. Relata não ter havido nem competição nem sororidade entre mulheres no local onde trabalha, devido à segmentação das áreas de atuação.

No que concerne à influência da maternidade em sua vida acadêmica, Cláudia menciona que teve filhos somente após o término do doutorado. Teve o segundo filho quatro anos após ter tido a primeira. Fala da importância de rede de apoio, pessoas e serviços, como divisão de tarefas domésticas, escolas de tempo integral para poder dar conta do trabalho, incluindo viagens para eventos e congressos. Conseguia atender às demandas com a primeira filha na escola em tempo parcial, mas com dois filhos percebeu que não era uma organização possível. Recorda que nessa época pesava a qualidade do tempo com os filhos, não somente a quantidade; que muitas vezes, em finais de semana, colocava as crianças para dormir e continuava trabalhando para atender datas de entrega de artigos e projetos; e que lidar com o sentimento que poderia ter feito mais e acompanhado mais de perto o crescimento dos filhos foi difícil para ela.

Sobre suas vivências em chefia, direção ou gestão, enfatiza que na Universidade a questão da hierarquia é mais fluida. Ocupou cargo de direção com outras mulheres, o que considera uma experiência excelente. Nesses cargos teve a oportunidade de levantar a questão de gênero em números e perceber a ausência de mulheres em vários cursos de Engenharia da UFRJ, o que a levou a criar, ao final de sua gestão, um grupo de apoio a mulheres. Cláudia considera que a partir dessas experiências, de ser inclusive a única mulher muitas vezes em mesas de diretoria, e o fato de participar de eventos nos quais

² Organização Europeia para Pesquisa Nuclear, em tradução para o português.

pôde ouvir a voz de outras mulheres, como Márcia Barbosa, física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem mais sensibilidade para as questões de gênero, a ponto de olhar para trás e se questionar “*ok, eu cheguei, mas quem mais chegou?*”

Na época de sua graduação, Cláudia não percebia tanto, mas hoje parece mais evidente que o público feminino está menor nos cursos da área das exatas e isso se deve pela falta de incentivo desde a educação básica. Ela costuma dizer que o incentivo não remete somente aos pais ou à família, mas à sociedade em si, a partir dos exemplos, dos modelos de referência. Considera importante narrativas de mulheres da área, brasileiras e internacionais, para que seja percebido que, na história da Computação, as mulheres têm, sim, um papel relevante.

Cláudia usa um termo interessante, retirado de palestras de Márcia Barbosa, para se referir à questão de gênero na trajetória profissional de mulheres: “*picada de mosquito*”. Ela diz que, durante a vida, nós mulheres sofremos com várias picadinhas de mosquito, como aquela brincadeira de mau gosto em uma reunião de departamento, ou uma referência no corredor sobre a forma como uma mulher está trajada. Essas picadinhas de mosquitos incomodam por um tempo, mas isso passa. Porém, depois de muitas picadas, aquilo começa a perturbar até que percebemos que algo está errado. Para docentes, Cláudia destaca que há coisas simples que podem ser feitas na vida acadêmica, como buscar a equidade de gênero nas mesas de eventos e comitês de programas e questionar as coordenações, quando esse critério não for observado. Para meninas e mulheres, Cláudia enfatiza que é necessário respirar fundo, gostar do que se faz, ter objetivos e ter planos.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Engenharia de Software, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em <https://www.youtube.com/live/YjXDGNdIMfo>

Biografia Técnica

Cláudia Maria Lima Werner é bacharela em Matemática, modalidade Informática, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1985, e doutora em Engenharia de Sistemas e Computação, em 1988, pela mesma

Universidade, com parte da pesquisa na CERN (Organização Europeia para Pesquisa Nuclear) e na Universidade de Genebra, ambas na Suíça. Fez pós-doutoramento entre 2019 e 2020, em Portugal, no ISTAR-IUL (Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura). Cláudia tem toda sua trajetória profissional de professora e pesquisadora na própria UFRJ, onde atua há mais de duas décadas. Nessa trajetória, foi premiada várias vezes na sessão de Ferramentas do Simpósio Brasileiro de Engenharia de Software (SBES), evento no qual também foi a primeira mulher homenageada em 2006. Neste mesmo ano, recebeu um prêmio da Microsoft pela Excelência Acadêmica para Desenvolvimento de Projeto de Engenharia de Software. Também possui vários artigos premiados em eventos nacionais e internacionais. É uma das sócias-fundadoras da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), em 1995, tendo sido membro da Comissão Especial de Engenharia de Software em diversas gestões. Entre suas contribuições na área de Computação, destaca-se sua contribuição na formação de outros profissionais, tendo orientado cerca de 50 dissertações de mestrado e outras duas dezenas de teses de doutorado. O nome de Cláudia Werner está intimamente ligado a processos e pesquisas de reutilização de *software* e, mais recentemente, produção de conteúdos multimídia para divulgação científica e popularização da ciência.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “Cláudia Werner”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/claudia-werner/>



Glória Guimarães



Maria da Glória Guimarães dos Santos, mais conhecida como Glória Guimarães, filha de pai militar e mãe funcionária pública, nasceu em Rio Branco, estado do Acre, cidade que lhe traz ótimas recordações. Teve uma infância tranquila e de brincadeiras, como toda menina: brincava de boneca, de bola, de pique-esconde com as meninas e meninos que moravam na mesma rua. Nunca percebeu, nem nunca lhe chamaram atenção, de forma clara, sobre as brincadeiras serem de menino ou de menina, sendo tudo muito divertido!

Na família, também não havia essa diferenciação. Eram três irmãos e a mãe, portanto as mulheres eram maioria. Além disso, a mãe sempre trabalhou fora e as incentivou a serem independentes financeira, profissional e emocionalmente. Ouviu muitas vezes a mãe dizer que *“mulher tem que estudar, ter seu trabalho para não depender de homem”* e o pai dizia que o melhor que poderia dar eram os estudos para que as filhas pudessem ter seus próprios recursos.

Quando questionada sobre ter brincado de casinha ou de boneca, confirmou tê-lo feito também. No entanto, fez a ressalva de que é preconceituoso delimitar que a menina só brinca de determinado tipo de brincadeira. Afinal, as pessoas têm gostos, vontades e pendores diferentes.

Interessante que a mãe dela tinha uma preocupação tão grande para que as filhas estudassem e se formassem que assumia a maior parte das tarefas de casa, apesar de Glória ter visto muitas vezes o pai ajudar.

O pai militar teria influenciado a filha Glória, caso pudesse, a ter feito concurso para as Forças Armadas. Porém, na época não era permitido o ingresso de mulheres, exceto por formação na área de Saúde, muito raras à época. Glória acredita que os pais gostariam que ela fosse funcionária do Banco do Brasil, o que de fato se concretizou.

Hoje ela fala da importância de mostrar e fazer, no dia a dia da família, a divisão de tarefas, que não precisa ser algo determinado, mas sim uma coisa natural de pessoas que convivem num modelo de colaboração. Assim, há possibilidade de todos crescerem.

Glória continuou estudando e se destacando na área de Exatas, pois sempre gostou muito, chegando a sonhar em ser física nuclear ou engenheira, pois era encantada com as possibilidades que esses estudos poderiam proporcionar ao mundo em matéria de inovação. Recorda que, na escola, na quinta série, tinha um professor de Matemática maravilhoso, que a instigava a resolver problemas de uma maneira diferente da solução que ele apresentava para a turma. Essa forma de pensar diferente também se manifestou mais tarde, na fase adulta, quando era programadora: diziam que ela tinha uma lógica invertida, pois resolvia os problemas de baixo para cima. Esse seu jeito próprio de entender a ajudava a aprender de forma mais rápida e inovadora, além de ajudar outras pessoas que tinham dificuldade na área de Exatas, pois ela percebia que muitas meninas tinham dificuldade.

Na hora de resolver que curso de graduação iria fazer, já que não havia Física Nuclear na Universidade de Brasília (UnB), optou por Tecnologia em Processamento de Dados, pois chamou sua atenção a possibilidade de trabalhar com computadores. Sua turma era composta metade por mulheres e metade por homens. Nesse ambiente, nunca percebeu distinção em decorrência do gênero. A chefe de departamento, inclusive, era mulher e durante o curso muitas mulheres foram destaque. Porém, havia mais professores homens, pois muitos eram da área de Engenharia.

O início de sua carreira no Banco do Brasil (BB) ocorreu logo após seu ingresso na Universidade e, até chegar ao cargo de diretora de Tecnologia de Informação (TI) do banco, atuou em áreas variadas.

Diferentemente do ambiente universitário, no mercado de trabalho, percebeu outra realidade em relação à representatividade dos gêneros, segundo ela, possivelmente pelo esforço e disponibilidade que a área exigia. Para que pudesse atuar e se desenvolver profissionalmente, o apoio do marido e da família nas tarefas domésticas e cuidado com os três filhos fez toda a diferença. Foram anos bastante duros, de muito sacrifício e compreensão familiar, pois muitas vezes foi necessário virar noites no trabalho, ocorrência natural na área de Tecnologia. Glória lembra que sempre conversava com seus filhos, mostrando que esses momentos difíceis eram necessários para que a família pudesse prosperar em todos os sentidos. Ela lembra que conversava com alguma frequência com os filhos, Felipe, Renata e Ricardo sobre essas ausências, que seria algo bom para toda a família. Lembra que, em uma conversa com seu filho mais velho, Felipe (*in memoriam*), sobre isso, ele teria dito: *“mãe, a gente sente falta, mas sabe que tudo que você faz é para que tenhamos uma vida melhor e para que você seja feliz também. E saiba que temos muito orgulho de você.”*.

Glória enfatiza que, há mais de 25 anos, era bem mais complicado se organizar, porém destaca que, com o avanço das tecnologias e a possibilidade do trabalho remoto, fica mais fácil equilibrar a vida profissional com a pessoal, pois permite que se possa trabalhar de casa, dividindo melhor as tarefas. No entanto, as questões de gênero nunca interferiram na criação de seus filhos, a qual se deu de forma igualitária, ou seja, todos faziam tudo. Além disso, vivenciaram a rotina de sua mãe. Nesse sentido, observa que barreiras devem ser quebradas: *“Meninas se não quiserem usar lacinho não precisam e meninos podem usar salto alto se quiserem.”*. Afirma que meninas e meninos podem ser o que quiserem ser, o que importa é ser feliz.

Sempre com muito trabalho e habilidades que considera importantes para o mundo corporativo, como liderança e comunicação dentre outros, teve experiências bem diversificadas no mundo corporativo, assumindo cargos de gestão com grandes responsabilidades na área de TI, tanto no setor público quanto no privado. Pôde perceber, ao longo de sua carreira, diferenças no tratamento de homens e de mulheres: homens recebem muitos elogios, enquanto mulheres precisam demonstrar resultados muito maiores para se igualar. As mulheres precisam falar muito mais vezes a mesma coisa para serem ouvidas e terem seus pontos de vista acolhidos. Mulheres, em diferentes ocasiões, precisam se posicionar de uma forma mais dura do que fariam

normalmente para serem ouvidas e respeitadas, embora também seja necessária sensibilidade no trato com as pessoas. Desse modo, observa: *“Às vezes você até precisa ser um pouco mais dura e mais incisiva para poder ser ouvida quando é uma mulher, já que as pessoas têm muito mais dúvidas e receios em relação ao seu trabalho. É importante se posicionar de forma firme e forte muitas vezes para não correr o risco de não ser ouvida dependendo do universo masculino que está ouvindo. E se prepare, eles sempre irão te confrontar, por mais que você tenha razão.”*

Para chegar aonde chegou, Glória Guimarães sonhou, visualizou, estudou, aproveitou as oportunidades e trabalhou incansavelmente. Não se arrepende de suas escolhas, gosta muito daquilo que faz e, com alguma nostalgia, lembra-se do dia em que passou no concurso e foi tomar posse, olhou para o prédio mais importante da Empresa e se viu num cargo importante lá, sendo exatamente o que aconteceu tempos depois.

Como profissional de TI sempre atuou para ter mais mulheres em suas equipes, nunca por serem só mulheres, mas por serem competentes e capacitadas para assumir cargos. Afinal, existem muitas mulheres e uma tem que puxar a outra. Estimulou a criação de programas que garantiam a participação de mulheres na área de TI, como por exemplo o programa Meninas de TI, que ia até as escolas estimular o ingresso de meninas no mercado. Hoje atua como conselheira do Grupo Mulheres do Brasil – Núcleo Distrito Federal e como conselheira de empresas, estimula programas de ESG (do inglês, *Environment, Social and Governance*).

Entre as várias áreas da Computação, destaca a Inteligência Artificial (IA), considera que esta é a inteligência humana colocada na máquina. Assim, se o ser humano tem preconceitos, ele vai ensinar a máquina o que ele sabe. Propõe, assim, que o *mindset* humano deve ser modificado, o que deve ser feito nas escolas e na educação em casa: *“Independente do sexo, você pode fazer e ser o que quiser e isso deve ser ensinado para os nossos filhos em nossa casa e na educação pública para todos.”*

Sobre mulheres na chefia, Glória destaca que homens e mulheres têm preconceito e as mulheres em cargos de chefia podem contribuir para a redução desse preconceito, realizando ações e obtendo bons resultados. Para ela, mulheres são competentes e capacitadas e, portanto, devem ocupar espaços de liderança.

Para Glória, a Educação é o caminho, aliás, a tecnologia aliada à educação é um caminho para sair da condição de pobreza. Deve-se, assim, investir em Educação para que todos tenham oportunidades. Cursos de Tecnologia ainda

são muito caros e podem ser uma barreira para avançar na área, mas as Universidades públicas já facilitam muito.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Rompendo o teto de vidro, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em <https://www.youtube.com/live/1IDFyV6TQxg>

Biografia Técnica

Maria da Glória Guimarães dos Santos é graduada em Tecnologia em Processamento de Dados e possui MBA em Gestão Estratégica de Sistemas de Informação. Acumula mais de três décadas de experiência, sendo uma mulher brasileira que ocupou muitos cargos de chefia e direção na área de Tecnologia de Informação (TI). Passou por grandes empresas e órgãos públicos (Correios, Banco do Brasil e Ministério do Planejamento) e privados (Aliança Seguros, Capgemini, AYO Group). Ênfase para a presidência do Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO), tendo sido a única mulher a ocupar tal posto nessa empresa cinquentenária. Glória recebeu prêmios de destaque como Executiva de TI do Ano no Setor Público em 2017 e *Stevie Awards for Women in Business* em 2018. Entre suas contribuições para a área de Computação, destacam-se sua atuação em governança, gestão e sustentabilidade e, sobretudo, sua presença constante em cargos de diferentes níveis hierárquicos, mostrando, pelo exemplo, que é possível romper o teto de vidro.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “Maria da Glória Guimarães”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/ gloria-guimaraes/>

Liane Tarouco



Nasceu em uma cidade pequena, chamada Cerro Largo, no estado do Rio Grande do Sul (RS). A cidade de Estrela, também no RS, onde cresceu, era o seu pátio. Liane vem de uma família de cinco irmãs, mas com idades e destinos diferentes.

Ela e sua irmã mais nova cresceram juntas, pois as irmãs mais velhas já atuavam em outras cidades e uma faleceu prematuramente. Brincavam de tudo, inclusive com brinquedos ditos “de meninos”, tais como bola, bicicleta e ferramentas de serralheria. Liane teve uma infância bem ativa, fazendo coisas que a mãe nem imaginava. Subiam em árvores, fugiam de casa para tomar banho de rio. Brincava com as ferramentas do pai e, ao invés de brincar com bonecas, construía casinhas para as bonecas. Isso lhe deu a oportunidade de criar, capacidade de iniciativa e busca de soluções. Seus pais nunca limitaram seus brinquedos, podiam brincar de tudo, mesmo sendo meninas. Foi uma infância que lhe traz boas recordações.

Seu pai, como contador, era fiscal da receita, e tinha o sonho de que ela se tornasse professora. Ela, contudo, nunca pensou em seguir essa profissão: jurava que nunca ia ser professora, pois, na época, dizia que odiava. Sua mãe cresceu na colônia (zona rural) e cursou até o primário apenas, mal sabia falar português, pois sua formação foi em alemão. Por sua vez, a mãe queria que ela cursasse enfermagem, economia doméstica, ou seja, profissões mais vistas como “de mulheres”.

Aos 18 anos, começou a trabalhar num banco. Trabalhava pela manhã e, à noite, fazia o Científico, numa época na qual o então segundo grau, hoje ensino médio, era dividido em Clássico, para quem queria seguir na área de Humanas, e Científico, para a área de Ciências Exatas. Sua mãe não entendia muito bem o que ela estava estudando e, quando perguntou o que falaria caso os parentes perguntassem sobre seu estudo, ela disse: “*mãe, diz que eu estou aprendendo a fazer bomba atômica*”.

Começou a graduação em Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a motivação de um dia trabalhar na *National Aeronautics and Space Administration* – Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA). Durante o curso de graduação, teve uma doença grave e ficou afastada dos estudos por 6 meses. Quando estava recuperada, avaliou que não queria se formar em mais de 4 anos, então trocou o bacharelado por licenciatura. Na metade da graduação, foi fazer um curso de Computação e, quando teve seu primeiro contato com um computador e soube o que era programação, apaixonou-se, sabendo que era isso que ela queria para o resto da vida dela.

Liane formou-se em Física para ter um curso de ensino superior, mas já estava totalmente envolvida com programação, inclusive realizava trabalhos *freelancer* para outros professores. Tinha quatro empregos quando terminou a faculdade. Então, veio o questionamento: O que fazer agora? Mestrado em Física? Não era bem o que queria, pois envolvia muita matemática, modelagem e termodinâmica. Foi quando se inscreveu em um processo seletivo do Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS e começou a dar aulas de programação na linguagem Fortran para Engenharia. Naquela época, era contratada como professora, mas também fazia análise de sistemas, programação, além de implementar sistemas usados para matrícula de alunos da universidade. Iniciou o Tecnólogo em Processamento de Dados na UFRGS em 1973, no qual atuou como professora. Foi nessa época que também ingressou no mestrado em Ciência da Computação, recém iniciado na UFRGS.

Durante o mestrado, fez muitos cursos extras e teve a oportunidade de viajar ao exterior e conhecer a área de Redes de Computadores, pela qual se

interessou. De uma continuidade da sua dissertação, desenvolveu o primeiro livro texto de muitas disciplinas de Redes e Comunicação de Dados no país.

No doutorado, já tinha dois filhos e marido. Mesmo com a oportunidade de realizá-lo fora do país, optou por estar ao lado da família e cuidar dos filhos pequenos, sendo sua escolha pela Universidade Estadual de São Paulo (USP). Mesmo assim, teve a oportunidade de participar de muitos congressos importantes e conhecer tecnologias que estavam sendo lançadas, como a primeira placa de rede *wifi*.

Esteve à frente de vários cargos de gestão, e sempre teve muitos alunos orientandos. Sendo pesquisadora, professora, mãe, como conciliar tanta produção com vida pessoal e social e incentivar meninas a permanecer na Computação? Segundo Liane, *"a gente não pode ter tudo"* e, então, decidi investir em apoio doméstico para dar conforto à família. Seu trabalho era como uma terapia, inclusive na época em que esteve internada em hospital: trabalhava para passar mais rápido aquele tempo. Segundo ela, os inúmeros artigos só foram possíveis porque tinha alunos excelentes, os quais sempre foram desafiados e respondiam à altura. Não importa se é homem ou mulher, todos têm seus problemas domésticos e, mesmo sendo muito exigente e "dura", mesmo fisicamente cansada, sabia que não devia parar.

Liane nunca percebeu discriminação por ser mulher, provavelmente porque naquele tempo havia ainda um equilíbrio entre quantidade de homens e mulheres nos cursos de Computação. Porém, sempre que via meninas inscritas na seleção de mestrado e doutorado, tentava incentivar e ajudar para que continuassem na área da Computação.

Considera-se uma mulher que sempre foi curiosa e buscou soluções para os problemas, muito dedicada à sua carreira e vida pessoal, sempre conseguindo conciliar as duas missões com sabedoria.

Sua filha mais velha dizia que a mãe trabalhava demais, então decidiu cursar Direito. A mais nova concluiu o curso de Design e atua na área. Ou seja, influenciar os filhos nem sempre funciona – eles têm vida própria.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Rompendo o teto de vidro, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em <https://www.youtube.com/live/UYFPprQYS6s>

Biografia Técnica

Liane Tarouco é licenciada em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1974 e mestre em Computação pela mesma Universidade em 1976. Doutora em Engenharia Elétrica, área de concentração Sistemas Digitais, pela Universidade de São Paulo (USP) em 1990. Iniciou sua longa trajetória profissional no final dos anos 1960 como técnica em Processamento de Dados no Departamento de Água e Esgotos (DMAE) do município de Porto Alegre (RS). Logo em seguida atuou no Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS, instituição na qual permanece até hoje. Na UFRGS, foi professora no Instituto de Informática e na Faculdade de Educação. Ocupou, na instituição, vários cargos, entre eles coordenadora do Programa de Pós-graduação em Informática na Educação (PPGIE) e Diretora do Centro Integrado de Novas Tecnologias na Educação (CINTED), onde segue atuando. Sua trajetória acadêmica também esteve vinculada a universidades no exterior, particularmente na Argentina. Considerada a “mãe da Internet” no Brasil, atua há longa data como consultora da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), tendo sido também integrante de seu conselho administrativo. Na sua exitosa trajetória acadêmica, recebeu vários prêmios, tanto nacionais quanto internacionais. Entre as premiações nacionais, ênfases para o prêmio Destaque 40 anos da Associação de Usuários de Informática e Telecomunicações (SUCESU) no ano de 2006, o reconhecimento de Mérito Acadêmico na UFRGS em 2011 e o prêmio Destaque em Governança de Internet pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) em 2020. No âmbito internacional, recebeu a distinção *Silver Core*, pela *International Federation for Information Processing* (IFIP) e foi a primeira mulher a entrar no *Internet Hall of Fame* (2021). Teve vários artigos premiados em eventos nacionais e internacionais, além de ter participado de orientações de teses premiadas no país. Entre suas inúmeras contribuições na área de Computação, destaca-se a escrita do primeiro livro de Comunicação de Dados no Brasil. Foi uma das fundadoras da RNP, analisou a rede em malha do projeto Um Computador por Aluno (UCA). Há que se destacar também sua ampla contribuição na formação de outros profissionais, tendo orientado cerca de 80 dissertações de mestrado e outras seis dezenas de teses de doutorado. O nome de Liane está intimamente ligado não só ao progresso da área de Redes de Computadores no Brasil, mas também à integração de Informática na Educação, na busca constante por interdisciplinaridade.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “Liane Tarouco”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/liane-tarauco/>





M. Cecília C. Baranauskas



Maria Cecília Calani Baranauskas nasceu em Botucatu, cidade do interior do estado de São Paulo (SP), em família de origem italiana. Seus pais tiveram cinco filhos, dos quais ela foi a quarta. Foi casada com Vitor Baranauskas (*in memorian*), com quem teve dois filhos, Vitinho (*in memorian*) e Cibele. Viveu a maior parte da vida em Campinas (SP), onde cursou duas graduações, o mestrado e o doutorado.

Sua infância foi feliz e tranquila, com muitas brincadeiras. Na rua, entre meninos e meninas, brincava de cobra cega, pula-corda, queimada, esconde-esconde. Mesmo na brincadeira de casinha, considerada mais feminina, lembra-se de haver espaço para os meninos brincarem. Em casa, com o pai, gostava de jogar damas. Também jogava baralho e criava palavras cruzadas para outras pessoas resolverem. Desse período, Cecília também recorda dos pequenos livros, adquiridos no jornaleiro, que seu pai levava para casa – bem recortados, coloridos, com textos e lindas ilustrações.

Seus pais não tinham curso superior como a maioria dos filhos de imigrantes, no entanto possibilitaram a formação e o estudo a ela e a seus irmãos. Na escola, Cecília era uma aluna aplicada, que gostava bastante de Matemática, mas também de Português e Literatura. Embora, na infância, quando questionada por seu pai, pensasse em ser escritora, inspirada por seus irmãos mais velhos, seguiu carreira nas Ciências Exatas, tornando-se professora universitária na área. Sua irmã mais velha é pedagoga e seus três irmãos, engenheiros. Todos gostavam de Matemática.

Aos 17 anos, mudou-se para Campinas, onde, iniciou a graduação em Matemática na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e optou pela licenciatura. Curiosa pela área de Computação, com a qual tomou contato no ciclo básico da graduação em Matemática, decidiu também fazer o curso de Computação. Assim, em cinco anos, graduou-se em Licenciatura em Matemática e em Bacharelado em Computação.

Foi ainda no período da graduação que seus primeiros interesses em Informática na Educação foram despertados. Ao realizar a Iniciação Científica, curiosa pelo fenômeno da aprendizagem, conheceu a linguagem Logo. No mestrado, desenvolveu investigação na área, aliando Matemática, Computação e Educação, com trabalho pioneiro no país envolvendo Logo e crianças. Já no doutorado, iniciou estudos na área de Interfaces, trabalhando com Prolog e ambiente de interação para programação em lógica.

Como professora universitária, publicou vários livros, sendo o primeiro, em 1982, em coautoria com Heloisa Rocha e Sindo Vasquez Dias, intitulado “Introdução à Programação de Computadores” pela Editora Campus, o qual teve orgulho de mostrar a seu pai. No ano seguinte, em coautoria com Heloisa Rocha, publicou, pela editora CARTGRAF, o livro “O Computador: um novo super herói”, tendo crianças como público-alvo. Realizou, assim, seu desejo de criança de ser escritora.

Também nos anos 1980, em colaboração com o Ministério da Educação (MEC), contribuiu com a proposição de políticas públicas para a Informática na Educação no país e participou da fundação do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) da Unicamp, um núcleo interdisciplinar de pesquisa pioneiro nessa área no Brasil.

Além da área de Informática na Educação, a professora Cecília Baranauskas apresenta contribuições na área de Interação Humano-Computador, destacando algumas aproximações entre áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar, a relação humano-máquina, a necessidade de conhecer processos cognitivos e a relação social das pessoas com o ambiente e a tecnologia.

Na vida adulta em família, é importante destacar que Cecília e seu esposo, Vitor, trabalhavam em tempo integral. Em casa, portanto, de acordo com seus gostos, dividiam tarefas. Enquanto ela, muito impregnada da cultura italiana, cuidava das tarefas domésticas, ele fazia o mercado, a feira e levava as crianças ao parquinho. Já com as crianças, não havia divisão de tarefas, pois privilegiavam o tempo de qualidade com elas. Muitas vezes, não necessariamente por causa das tarefas domésticas, sentiu-se sobrecarregada. Afinal, na época em que realizou o doutorado, não podia se afastar das atividades docentes e de pesquisa em tempo integral. Assim, era preciso conciliar tudo, encontrando equilíbrio entre aquilo que gostava e o que devia fazer.

Em sua trajetória, muitas pessoas, dentre familiares, amigos e alunos a inspiraram. Na trajetória profissional, destaca seus orientadores Fernando Curado e Armando Valente, e, na ciência, seu esposo Vitor Baranauskas (*in memorian*), além da educadora Edith Akerman (*in memorian*).

Às meninas, recomenda paixão e coragem em tudo o que fizerem. Destaca a importância da pluralidade (de gêneros, de conteúdos, de acesso) no desenvolvimento de tecnologias. Ademais, chama atenção para a necessidade de entender a Computação como parte de um sistema social. Finalmente, sugere a leitura sobre paradigmas da ciência e sobre filosofia da tecnologia.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Informática na Educação e IHC, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em <https://youtu.be/h6NWFJL6OVg>

Biografia Técnica

Maria Cecília Calani Baranauskas é duplamente graduada, bacharel em Ciência da Computação e licenciada em Matemática, ambas concluídas em 1976 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Na mesma universidade, tornou-se mestre em Computação em 1981 e doutora em Engenharia Elétrica em 1993. Realizou dois pós-doutoramentos, ambos na Inglaterra, na área de Semiótica. O primeiro no *Semiotics Special Interest Group (SSIG)* na *Staffordshire University (School of Computing)*, em 2001, e o outro no *Applied Informatics with Semiotics (AIS) Lab* da *University of Reading (Dept. of Computer Science)*, em 2002. Toda sua trajetória profissional foi acadêmica, durante mais de três

décadas, na Unicamp, onde ainda atua e, recentemente, como colaboradora na Universidade Federal do Paraná (UFPR). É bolsista de produtividade pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Na sua longa trajetória acadêmica, recebeu vários prêmios, tanto nacionais quanto internacionais. Entre as premiações nacionais, destacam-se o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico Zeferino Vaz da Unicamp, em 2016; o prêmio de Carreira de Destaque em IHC pela SBC, em 2015; e o Mérito Educacional Darcy Ribeiro pela Câmara Municipal de Campinas, em 2006. No âmbito internacional, recebeu o prêmio *SIGCHI Social Impact* pela *Association for Computing Machinery (ACM)*, nos EUA, em 2021, e o *ACM Rigo Award*, em 2010, pelas suas contribuições científicas na área de Interação Humano-Computador (IHC). Teve vários artigos premiados em eventos nacionais e internacionais. Entre suas inúmeras contribuições na área de Computação, destaca-se a co-fundação do primeiro grupo de pesquisa em Informática na Educação do Brasil, nos anos 1980, na Unicamp, a partir do qual participou da concepção de inúmeras políticas públicas nessa área do conhecimento. Na área de IHC, destaca-se a proposição de uma abordagem socialmente situada para o design de sistemas computacionais interativos, baseada no Design Participativo e na Semiótica Organizacional.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “M. Cecília C. Baranauskas”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/maria-cecilia-baranauskas/>

Silvana Bahia



Silvana Bahia, ou simplesmente Sil Bahia, nasceu no ano de 1985, no Rio de Janeiro (RJ), onde mora até hoje. Foi criada no centro, perto dos arcos da Lapa, em uma época em que o local, segundo ela própria, não era tão badalado e gentrificado. É filha de mãe paraense que foi para o Rio de Janeiro para ser empregada doméstica. Seu pai era músico e faleceu de câncer quando ela tinha 13 anos. Tem um irmão um ano mais novo.

Sil sempre gostou de estudar. Era uma aluna esforçada, dedicada, mas nunca foi considerada uma menina brilhante. Gostava bastante de estudar Português e tinha dificuldades com a Matemática. No segundo ano do ensino médio, passou a achar a escola um ambiente hostil e chegou a ser uma adolescente problemática. Entretanto, como sua mãe é uma apaixonada pela educação e grande incentivadora, Sil concluiu seus estudos. Durante a fase escolar, não percebia diferenças entre meninos e meninas, o que acredita ser reflexo da sua leitura de mundo na época. Hoje percebe que as mulheres são

pouco encorajadas a experimentar a Cultura *Maker*, que para ela se aproxima muito da pedagogia da autonomia de Paulo Freire: a autonomia de fazer.

Filha, neta e bisneta de empregadas domésticas, é a primeira mulher de sua família a quebrar esse ciclo. Com 13 anos, começou a trabalhar como babá porque desejava ter poder de compra. Depois trabalhou como atendente em uma *petshop*, como manicure e como digitadora em uma empresa multinacional. Até essa época, ela não pensava na universidade como uma possibilidade. Entretanto, essa empresa multinacional custeava 50% de determinados cursos na universidade. Embora tivesse um emprego de carteira assinada e o valorizasse, ela percebeu que precisava fazer uma graduação porque não dava para ficar ganhando o mesmo pelo resto da vida. Portanto, com 23 anos, ela escolheu um dos cursos que eram custeados, o curso de Comunicação com ênfase em Jornalismo. Assim, ela foi a primeira pessoa de sua família, materna, a ingressar em uma universidade.

Durante a graduação, a comunicação foi bastante impactada pelas tecnologias digitais que passaram a interferir na forma de usar e consumir informação. Nessa época, ela sonhava em trabalhar em uma grande empresa de comunicação sendo jornalista, muito porque romantizava a profissão. Quando foi para o mercado de trabalho, percebeu que não era aquilo que desejava. Então, foi trabalhar como estagiária em uma organização social que se chama Observatório de Favelas, onde realizou pesquisas sobre o direito à comunicação, justiça racial e mídias alternativas. Nesse período, fez o mestrado em Cultura e Territorialidades em que pesquisou sobre a ocupação de coletivos de arte e cultura no espaço urbano – algo não relacionado a sua profissão atual, mas acredita que todo o conhecimento agrega, ajuda a ver novas perspectivas de mundo e outras formas de olhar.

Em 2014, ela foi convidada por Gabriela Agustini, fundadora do Olabi, um espaço social dedicado à aprendizagem de tecnologia na cidade do Rio de Janeiro, para produzir uma Rodada Hacker, oficina exclusiva para mulheres aprenderem a programar. Na ocasião, produziu e participou do evento, o que considera que foi um marco em sua vida. Durante o evento, percebeu-se capaz e foi incentivada por sua mentora, Stefania Paola, a prosseguir seus estudos. No ano seguinte, juntou-se à equipe do Olabi e passou um ano tentando entender o que era Cultura *Maker*, inovação, e aprendendo novas tecnologias digitais. Circulou o Brasil inteiro participando de eventos sobre Cultura *Maker* e inovação. Também foi para Colômbia, ministrar a oficina Tecnologias da Libertação para mulheres no interior do país. Como tem costume de realizar o teste do pescoço (que busca identificar quantas mulheres têm no lugar e quais seus cargos, quantas pessoas negras têm no lugar e quais suas ocupações,

quantas pessoas LGBTQIA+ têm e quais seus cargos), ela percebeu que, na grande maioria das vezes, era a única mulher negra.

Sil decidiu que queria falar de mulheres negras e tecnologias. Então, em 2017, dentro do Olabi, criou o PretaLab: um projeto-causa para incluir mulheres negras na área da Tecnologia. A primeira ação do projeto foi gerar dados sobre mulheres negras na área da Tecnologia e inovação, resultando no mapeamento de 600 mulheres e a produção de vídeos sobre algumas delas, que estão disponíveis no *site* do projeto, em <https://www.pretalab.com/>. No início, era um laboratório de ideias e muitas ações foram realizadas, como a oficina WordPretas que ensinava *WordPress* para que mulheres negras empreendedoras criassem seus *websites*. O projeto também foi contratado por empresas para apoiar no processo de recrutamento de mulheres negras, quando foi constatado que as empresas não estão preparadas para a diversidade.

Hoje o PretaLab possui três eixos: 1) Uma plataforma que inclui mais de 700 mulheres que atuam na área da Tecnologia, conectando essas mulheres entre si e ao mercado de trabalho; 2) Formação em tecnologia para mulheres negras e indígenas para que elas progridam em suas carreiras; e 3) conexão entre mercado de trabalho e mulheres que querem fazer parte desse universo. Sil Bahia trabalha para a redução do número de mulheres negras desempregadas e deseja que o PretaLab seja um caminho para pensar em um futuro mais inclusivo, não só no campo da Tecnologia *hard*, mas em todas as profissões, afinal todas elas são atravessadas pela tecnologia. Ela quer que o PretaLab seja uma mola que estimule uma relação mais qualificada com a tecnologia, principalmente para mulheres negras, mas também para todas as mulheres. Quer também que o projeto sirva de inspiração para outros projetos.

Considera-se uma grande contadora de histórias na comunicação, na tecnologia ou na arte. Dirigiu o documentário Quadro Negro (2020), que conta sobre a trajetória de estudantes negros na universidade, muitas vezes os primeiros de suas famílias. Acredita que o estudo é a grande chave de transformação social, especialmente para as mulheres negras, que enfrentam dois grandes problemas: a falta de oportunidades e a falta de referências. Portanto, reforça que existe uma camada objetiva: é necessária a oferta de bolsas e a criação de oportunidades, mas há também uma camada subjetiva, que é ter boas referências de mulheres negras.

Sil Bahia se define como uma ativista dos sonhos que nunca senta em uma cadeira sem trazer toda a sua ancestralidade, todas as mulheres de sua família, que ela descreve como fortes, guerreiras e grandes influências em sua trajetória. Considera-se uma pessoa curiosa e essa curiosidade a levou a lugares que ela

nem mesmo imaginava chegar. Por fim, aconselha a todas as mulheres serem independentes, procurarem por programas e projetos fortalecedores de mulheres, terem uma mentora, colocarem a máscara de oxigênio primeiro nelas e depois nas outras pessoas. Enfatiza que as mulheres não devem desistir de seus sonhos e, principalmente, não devem desistir si mesmas.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: Pretas, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em https://www.youtube.com/live/UM_MSZ4S8e8

Biografia Técnica

Silvana Helena Gomes Bahia é graduada em Comunicação Social, ênfase em Jornalismo, mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Com atuação profissional marcada pelo ativismo relacionado com mulheres negras, é pesquisadora associada ao Grupo de Arte e Inteligência Artificial da Universidade de São Paulo (USP). Silvana integra conselhos de organizações como *Coding Rights*, Mulheres Negras Decidem, Conselho Científico do Museu do Amanhã, *Internet Lab*, Énois – Laboratório de Jornalismo, Programadores do Amanhã, Instituto Solar dos Abacaxis e Instituto Itamar Assumpção. Co-diretora executiva da Organização Social Olabi (RJ) está à frente da PretaLab, ação voltada para a inclusão, estímulo e impulsionamento das mulheres negras e indígenas na tecnologia. Recebeu vários prêmios, entre eles Destaques da Cultura Digital: Inovação Social e Tecnologia, concedido pelo Centro Cultural Banco do Brasil e Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, Protagonista Brasil em 2021 por sua atuação em projetos de impacto social na área de Tecnologia de Informação (TI). Em 2022, foi considerada uma das 100 pessoas inovadoras no mundo pelo *The Future Laboratory* na Inglaterra. Sem ter formação específica na área da Computação, Silvana destaca-se na área pelo protagonismo e ativismo voltados à transformação digital e inclusiva do país, particularmente no que concerne à atuação e à visibilidade de mulheres negras e indígenas nessa área.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “PretaLab”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/pretalab/>



Valéria Menezes Bastos



Valéria Menezes Bastos nasceu no Rio de Janeiro (RJ), cidade na qual morou durante toda a sua vida e que ama. Filha única, seu pai era protético: “fazia sorrisos”. Sua mãe era dona de casa. Sua infância foi simples, humilde e tranquila. Ela e as primas brincavam na rua com os vizinhos, jogavam bola, peteca e pique-esconde. Não havia diferença entre meninos e meninas. Em casa, as bonecas eram suas alunas.

Com quatro anos, Valéria entrou na escola porque queria aprender a ler e a escrever. Com seis anos, foi convidada a fazer um teste e avançou direto para o terceiro ano. Por ser a mais nova da turma e muito tímida, foi alvo de brincadeiras. Somente quando aceitou e passou a rir de tais brincadeiras, a vida escolar ficou mais fácil.

Valéria sempre estudou em escolas públicas. Gostava muito de Matemática, Geografia e História, principalmente a anterior a Cristo. Por isso, inicialmente, pensou em fazer o curso de Egíptologia e procurar múmias.

Entretanto, quando fez algumas pesquisas na escola, descobriu que esse curso estava disponível somente em Paris e, portanto, era inviável para ela. Já no ensino médio, leu uma matéria sobre Computação em uma revista sobre profissões. Essa matéria informava que o curso estava disponível na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF). Como as duas primeiras universidades são particulares, ela decidiu que estudaria muito para acessar uma das universidades públicas. No terceiro ano do ensino médio, fez um curso de Computação com uma apostila da IBM. Na época, não entendeu nada, mas tinha a convicção que iria aprender em algum momento.

Existia cumplicidade na família para que sua formação fosse a melhor possível. Os pais não faziam pressão, mas a mãe sempre falava para que ela fizesse o melhor possível. Fez vestibular para o curso de Matemática na UFRJ, pois leu em um jornal que para fazer o curso de Computação era preciso ingressar nesse curso. Adicionalmente, ela observou que tinha mais vagas para o curso de Matemática, mas que após dois anos o curso permitia a escolha entre um de cinco cursos, incluindo Computação. Naquela época, não havia o preconceito de que mulheres não podiam fazer Computação. Sua turma de graduação tinha o mesmo número de homens e mulheres. Na sua colação de grau, havia, inclusive, um número levemente superior de mulheres.

Logo após concluir a graduação, optou por fazer mestrado. Nessa época, trabalhava para a Fundação COPPETEC³, prestando serviço para a Petrobrás. Durante um congresso, fez uma entrevista para trabalhar na COBRA (Computadores Brasileiros SA). Foi admitida como analista de sistemas, levando os livros didáticos usados no mestrado para a empresa, e aprendeu muito aplicando a teoria na prática.

Enquanto trabalhava na COBRA, tornou-se mãe. Assim, precisou conciliar maternidade e trabalho. Embora o filho tivesse a maior prioridade, sempre teve muito compromisso e responsabilidade com as demandas do trabalho. Destaca que o fato de a empresa ter horário fixo para entrar e sair, facilitava a sua organização como mãe. Salaria que, antes dos filhos, ela entrava no horário estipulado e não tinha horário para sair. Considera que para conciliar maternidade e trabalho soube administrar o tempo, embora tenha se sentido sobrecarregada em alguns momentos, porque não existe a mãe e a trabalhadora, existe uma mulher que deve atender as prioridades. Esse senso

³ Fundação de apoio à Coordenação dos Programas de Pós-graduação em Engenharia (COPPE), órgão da UFRJ que congrega todas as pós-graduações em Engenharia da instituição.

de responsabilidade ela tenta passar aos filhos e espera que eles o tenham quando for o momento.

Seu trabalho na COBRA durou quatro anos. Depois alguns colegas que haviam deixado a empresa a convidaram para trabalhar no setor de Informática de uma empresa de Engenharia, a Engevix, na qual atuou por outros quatro anos. Saiu da Engevix para abrir sua própria empresa, que prestava serviço de auditoria de sistemas, ministrava cursos de ambientes operacionais, vendia máquinas e sistemas da IBM a outras empresas. Em paralelo, ela ministrou aulas na PUC-RIO durante 17 anos.

Quando decidiu fazer doutorado, convidou uma professora da UFRJ que havia sido sua colega de graduação e mestrado para ser sua orientadora. Dada a proximidade entre elas, a amiga considerou que seria melhor ela ser orientada por outra pessoa e indicou o professor Nelson Ebecken. Valéria agradece muito a indicação, visto que ela aprendeu e continua aprendendo muito com ele.

Depois do doutorado, fez seu primeiro concurso público para atuar no Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO), no estado do Rio de Janeiro (RJ). No ano seguinte, quando a UFRJ abriu concurso para o preenchimento de vaga docente, ela decidiu que lá era seu lugar, já que havia feito sua graduação, mestrado e doutorado naquela instituição. No período do concurso, recebeu apoio de várias pessoas que ficaram ao seu lado e torceram por ela. Além do apoio, destaca que se esforçou muito para conseguir a vaga.

Antes de ingressar na UFRJ, Valéria nunca havia almejado cargos de liderança porque acreditava não ter o perfil. Porém, um ano após sua posse, já estava na coordenação de curso, o que lhe exigiu novos aprendizados e jogo de cintura. Em sala de aula, ela informa que tenta passar aos estudantes todos os seus aprendizados e tirar os medos do mercado de trabalho. Percebe que o número de meninas na graduação em Computação reduziu bastante quando comparado a sua época.

Valéria foi casada e tem dois filhos. Ela gosta de ver filmes e documentários, comer pipoca e ama fazer crochê. Sobre a divisão de tarefas em casa, ela disse ser desbalanceada. A maioria das tarefas fica com ela e às vezes ela delega. Em relação aos filhos, ela mencionou que demonstra o que deve ser feito, conversa para que eles colaborem, mas que não é uma tendência eles ajudarem.

Sobre o preconceito, Valéria acredita que sempre existiu, mas que ela fazia e ainda faz vista grossa. Pensa que seu potencial cativou as pessoas e que isso fez com que ela fosse apoiada, inclusive por muitos homens. Ela supõe que havia diferença salarial entre homens e mulheres nos empregos por onde

passou, mas que ela estava mais empolgada com o trabalho do que preocupada com o salário.

Sobre racismo, ela também diz não ter percebido. Como tinha uma meta, e isso era mais importante, acabava por não perceber falas, olhares ou outras atitudes preconceituosas. Quando perguntada se a gente sente somente as coisas para o que está aberta, ela disse que é possível que sim, porque estava aberta a ouvir coisas interessantes, a aprender e a trabalhar cada vez mais. Os fatos que aconteceram (e foram poucos), ela não percebeu ou fingiu que não viu. Passou por cima, não fizeram a menor diferença para ela.

No dia 12 de maio de 2021, dia da entrevista que originou este texto, Valéria completou 10 anos de trabalho na UFRJ. Ela ficou muito emocionada de falar sobre sua trajetória justamente em uma data tão significativa. Destacou que gosta de tudo em Computação (*Software is beautiful!*) e teve a sorte de trabalhar com tópicos interessantes que lhe permitiram aprender tanto nas diferentes empresas pelas quais passou. As transições de trabalho sempre são motivadas por oportunidades e recomenda que as pessoas as aproveitem, principalmente, porque não se sabe aonde elas irão nos levar.



Acesse a transmissão *online* Mulheres na Computação no Brasil: São as COBRAS da Computação, disponível no canal YouTube do programa de extensão Programa C, em https://www.youtube.com/live/uc8TPSO_2K0

Biografia Técnica

Valéria Menezes Bastos é bacharel em Informática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1980, estando entre as primeiras mulheres negras a se graduar nessa área no Brasil. Na mesma Universidade, tornou-se mestre em Engenharia de Sistemas e Computação em 1986 e doutora em Engenharia Civil em 2006, com ênfase em descoberta de conhecimento na *web*. Realizou pós-doutoramento na Universidade Federal de São Carlos entre 2017 e 2018. Antes de atuar na área acadêmica, atuou na Computadores Brasileiros (COBRA) SA, com destaque para o projeto de desenvolvimento do sistema operacional *Unix-like SOX* e um compilador para a linguagem C. Na sua trajetória acadêmica, iniciada há mais de duas décadas, destaca-se a UFRJ, onde atua como professora-pesquisadora desde 2011, com foco nos anos recentes em

mineração de dados na área da Saúde. Já entre suas contribuições na área de Computação, destaca-se a interdisciplinaridade com a Engenharia Civil e a área da Saúde, através de mineração de textos e dados. Além disso, apresenta forte atuação na formação de graduados, com orientação de mais de 70 projetos finais de curso, inúmeras participações em bancas de mestrado e doutorado na sua área de pesquisa.

Página do Projeto ENIGMA



Acesse a página “Valéria Menezes”, do Projeto ENIGMA, em <https://www.ufrgs.br/enigma/valeria-menezes/>



Posfácio

Este livro assume um valor ainda mais expressivo, principalmente para jovens em geral, em especial, para as jovens mulheres, uma vez que o livro foi escrito apenas por mulheres e isso é significativo em si mesmo. Ainda existe uma desigualdade de gênero expressiva na literatura e nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM, na sigla em inglês). Ao destacar as realizações dessas mulheres, o livro contribui para a promoção da igualdade de gênero, bem como para a diversidade e a inclusão nessas áreas.

Essas oito mulheres brasileiras, Camila Achutti, Claudia Bauzer Medeiros, Cláudia Werner, Liane Tarouco, Maria Cecília Calani Baranauskas, Maria da Glória Guimarães, Silvana Bahia e Valeria Menezes Bastos, são exemplos inspiradores de como a perseverança e a dedicação podem transformar sonhos em realidade. Cada uma delas contribuiu significativamente para suas áreas de atuação, deixando um legado valioso para a sociedade brasileira.

Uma realidade que assombra é perceber que o mercado de trabalho continua sendo notoriamente competitivo e as mulheres, apesar das lutas e das conquistas, se deparam com obstáculos ainda maiores quando se trata de ingressar em áreas historicamente dominadas por homens, como a ciência e a tecnologia, sendo, muitas vezes, subestimadas em suas habilidades e competências, o que acaba limitando suas oportunidades e restringindo seu acesso a essas áreas de atuação.

Sabe-se também que as mulheres que optam por seguir carreiras acadêmicas ou científicas, muitas vezes, são obrigadas a se multiplicar em suas tarefas diárias. Além das exigências profissionais, elas ainda precisam desempenhar papéis tradicionais de gênero, como serem mães, esposas e cuidar das atividades domésticas. Essa sobrecarga pode ser ainda mais difícil de lidar quando as mulheres se encontram em ambientes predominantemente masculinos, nos quais a falta de representatividade feminina pode tornar difícil a formação de redes de apoio e solidariedade. Isso mostra a importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres em áreas que historicamente têm sido dominadas pelos homens, e de promover a equidade de gênero em todas as esferas da sociedade.

Portanto, ler sobre essas mulheres é mais do que apenas aprender sobre suas realizações individuais – é um lembrete poderoso de que, quando nós mulheres nos dedicamos e trabalhamos duro, somos capazes de alcançar grandes feitos e mudar o mundo ao nosso redor.

Rute Vera Maria Favero



Rute Vera Maria Favero é professora na área da Computação, com 31 anos de experiência em docência em diversos níveis acadêmicos, procurando trabalhar interdisciplinarmente. Atualmente, está lotada no Colégio de Aplicação da UFRGS e trabalha com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Possui graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados pela UNISINOS (1985), mestrado em Educação pela UFRGS (2005) e doutorado na área da Educação pela UFRGS (2016), com período sanduíche, em 2015, na *Università degli Studi Roma Tre*, em Roma – Itália, através do PDSE – CAPES. É idealizadora e coordenadora do projeto que visa a criação do Museu Virtual de Informática (MUVIN) e, atualmente, coordena também o projeto ENIGMA – Mulheres na Computação. É apaixonada pela Educação a Distância (EaD) e pelo uso das Redes Sociais na Educação, assim como é apaixonada por um bom vinho, principalmente se for em companhia de seus idosos pais e familiares.

Currículo na Plataforma Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/4689764500638529>

As Autoras



Alice Fonseca Finger é professora adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), onde exerce a docência no *Campus Alegrete* desde 2014. É Bacharela em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestra e Doutora em Ciência da Computação pela mesma Universidade. Participa como equipe executora das ações de extensão do Gurias na Computação, projeto parceiro do Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação. É líder do grupo de pesquisa *Laboratory of Intelligent Software Engineering* (LabISE). A Matemática sempre foi sua matéria preferida durante o ensino fundamental e médio. Na Computação, não foi diferente: é apaixonada pelas disciplinas matemáticas e teóricas.

Currículo

na

Plataforma

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2691501072064698>



Aline Vieira de Mello é professora adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), onde exerce a docência no *Campus Alegrete* desde 2011. É Bacharela e Mestra em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Ciência da Computação pela *Sorbonne Université*. Coordenadora do programa de extensão Programa C e do projeto de extensão *Motus* – Movimento Literário Digital. Participou da concepção da ação de extensão Gurias na Computação,

projeto parceiro do Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação, na qual atua até hoje. Coordena o projeto de pesquisa Egress@s – coleta, disponibilização e visualização de dados. Desde pequena gostava de estudar e, mesmo sem saber ligar um computador, escolheu fazer o ensino médio técnico em informática. Teve um ótimo desempenho e se apaixonou. Considera que sua trajetória é fruto de bastante dedicação e uma dose de sorte. Optou pela docência porque queria que seu trabalho fizesse diferença na vida das pessoas. É casada e mãe da Maria Fernanda, do Henrique (*in memoriam*) e da Elisa. Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7822927936432169>



Amanda Meincke Melo é professora associada na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), onde exerce a docência no *Campus* Alegrete desde 2009. É Bacharela em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestra e Doutora em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É também Licenciada em Letras-Português pela UNIPAMPA. Participou da concepção da ação de extensão Gurias na Computação, projeto parceiro do Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação, na qual atua até hoje. É membro suplente, representando o *Campus* Alegrete, no Comitê de Gênero e Sexualidade da UNIPAMPA. É líder do grupo de pesquisa Grupo de Estudos em Informática na Educação (GEInfoEdu), coordenadora projeto de ensino GEIHC – Grupo de Estudos em Interação Humano-Computador e do programa de extensão TRAMAS, acrônimo para Tecnologia, Responsabilidade, Autoria, Movimento, Amorosidade e Sociedade. Desde muito pequena aprendeu a gostar de Matemática e de jogos de tabuleiro. Na pré-adolescência, foi apresentada ao mundo dos jogos digitais. Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3659434826954635>



Clevi Rapkiewicz é professora de Computação há mais de três décadas, em todos os níveis de ensino (educação básica, educação técnico-profissional, ensino superior e pós-graduação). Atuou em duas instituições públicas, a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Duplamente graduada (Tecnologia em Processamento de Dados pela UFRGS e Pedagogia pela UERJ), é mestra e doutora pela COPPE/UFRJ na linha de pesquisa Informática e Sociedade. Estruturou o projeto de extensão ENIGMA – Mulheres na Computação em 2014. Fundou, em 2022, o Espaço ENIGMA visando ações voltadas para visibilidade de mulheres na área de Computação. Seus pais não concluíram sequer o primário, mas sempre valorizaram o estudo. Egressa de escola pública estadual sempre viu na Educação uma forma de transformar a sociedade. Currículo na Plataforma Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0588660330634011>

Para acompanhar nossos projetos, siga-nos nas redes sociais e fique por dentro das ações realizadas.

Instagram:

@enigmaprojeto

@programacunipampa

@guriascomputacao

Facebook:

@projetoenigma

@guriasnacomputacao

@programacunipampa



Organizamos este *e-book* para tornar acessíveis as histórias de vida de mulheres que se destacam nas diversas áreas da Computação, homenageadas pelo projeto ENIGMA no **Calendário Mulheres na Computação no Brasil de 2021** (<https://www.ufrgs.br/enigma/calendario/>). Para tanto, elaboramos narrativas, a partir das entrevistas veiculadas em 8 *lives*, transmitidas de março a outubro de 2021, no canal YouTube do Programa C, organizadas em uma *playlist* denominada **Mulheres na Computação no Brasil** (<https://bit.ly/mulheresComp>). O processo descrevendo esse ciclo de *lives* foi publicado no XVI *Women in Information Technology* (WIT 2022) (<https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/20862>).

As autoras

